

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA SEGURANÇA DO PACIENTE: PREVENÇÃO DE INCIDENTES E IMPLEMENTAÇÃO DE PROTOCOLOS NO ÂMBITO HOSPITALAR

THE ROLE OF NURSES IN PATIENT SAFETY: INCIDENT PREVENTION AND PROTOCOL IMPLEMENTATION IN THE HOSPITAL SETTING

LA ACTUACIÓN DEL ENFERMERO EN LA SEGURIDAD DEL PACIENTE: PREVENCIÓN DE INCIDENTES E IMPLEMENTACIÓN DE PROTOCOLOS EN EL ÁMBITO HOSPITALARIO

Nelson Luís Moreira da Silva¹
Katia Chagas Marques Diaz²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar a atuação dos enfermeiros na redução de eventos adversos relacionados à assistência para a promoção da segurança do paciente. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, abordando temas como o histórico da segurança do paciente, normas e regulamentações brasileiras, modelos de segurança aplicados à enfermagem e práticas e protocolos no contexto hospitalar. Os resultados indicam que o enfermeiro desempenha um papel central na implementação de práticas seguras e na prevenção de eventos adversos, atuando não só na aplicação de protocolos, mas também na educação da equipe e dos pacientes. Conclui-se que a atuação do enfermeiro é essencial para assegurar a qualidade e a segurança no atendimento hospitalar, contribuindo significativamente para o fortalecimento da confiança e do bem-estar dos pacientes.

Palavras-chave: Segurança do paciente. Enfermagem hospitalar. Protocolos de segurança. Prevenção de eventos adversos.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the role and intervention of nurses in patient safety, focusing on risk prevention during hospital-based care. A narrative literature review was conducted, addressing topics such as the history of patient safety, Brazilian standards and regulations, safety models applied to nursing, and practices and protocols within the hospital setting. The results indicate that nurses play a central role in implementing safe practices and preventing adverse events, engaging not only in protocol application but also in educating the team and patients. It is concluded that nurses' involvement is essential to ensuring quality and safety in hospital care, significantly contributing to the strengthening of patient trust and well-being.

Keywords: Patient safety. Hospital nursing. Safety protocols. Prevention of adverse events.

¹Discente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia..

²Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar la actuación e intervención del enfermero en la seguridad del paciente, con un enfoque en la prevención de riesgos durante la asistencia en el entorno hospitalario. Se realizó una revisión narrativa de la literatura, abordando temas como la historia de la seguridad del paciente, normas y regulaciones brasileñas, modelos de seguridad aplicados a la enfermería y prácticas y protocolos en el contexto hospitalario. Los resultados indican que el enfermero desempeña un papel central en la implementación de prácticas seguras y en la prevención de eventos adversos, actuando no solo en la aplicación de protocolos, sino también en la educación del equipo y de los pacientes. Se concluye que la actuación del enfermero es esencial para asegurar la calidad y la seguridad en la atención hospitalaria, contribuyendo significativamente al fortalecimiento de la confianza y el bienestar de los pacientes.

Palabras clave: Seguridad del paciente. Enfermería hospitalaria. Protocolos de seguridad. Prevención de eventos adversos.

I INTRODUÇÃO

O cuidado com a segurança do paciente tem emergido como um dos principais focos da prática assistencial contemporânea, particularmente no campo da enfermagem. Entende-se que a segurança do paciente consiste na redução, a um mínimo aceitável, do risco de dano associado à atenção à saúde. (Brasil, 2013a).

Apesar dos esforços para aprimorar a segurança no cuidado ao paciente, os erros ainda são frequentes e podem gerar sérios incidentes com danos, prolongando internações e até mesmo resultando em fatalidades. Neste contexto, o enfermeiro é fundamental, pois estes profissionais estão diretamente envolvidos na implementação de medidas de segurança juntamente com a equipe multidisciplinar e na aplicabilidade dos protocolos que visam a prevenção de incidentes (Santos *et al.*, 2017).

O tema é relevante devido ao impacto significativo que os incidentes podem ter na saúde e no bem-estar dos pacientes, desde incidentes leves que não causam danos e ainda os incidentes com danos que podem ser considerados eventos adversos. Isso representa um desafio constante para as instituições de saúde, que visam prestar cuidados de qualidade e para o paciente e família representa perda da qualidade de vida e elevados custos hospitalares.

Os eventos adversos são incidentes desfavoráveis, adversidades terapêuticas, danos iatrogênicos ou outras ocorrências adversas diretamente associadas aos cuidados ou serviços prestados dentro da jurisdição de uma unidade de saúde. A constante evolução tecnológica e a complexidade crescente dos tratamentos médicos exigem uma vigilância contínua e a

adaptação de novas práticas para mitigar os riscos dos cuidados aos pacientes (Nascimento; Draganov, 2015).

Diante disso, o enfermeiro participa na elaboração de estratégias e protocolos para a redução dos riscos e conseqüentemente na redução da incidência de eventos adversos relacionados à assistência para a efetiva prática de segurança ao paciente. Dessa forma, questiona-se como os enfermeiros podem atuar para redução de incidentes e para a promoção de uma assistência segura ao paciente?

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a atuação dos enfermeiros na redução de incidentes relacionados à assistência para a promoção da segurança ao paciente. E como objetivos específicos, contextualizar sobre o histórico da segurança do paciente no Brasil e no mundo; e por último discorrer sobre a prática do enfermeiro na redução dos incidentes para a garantia do cuidado visando a segurança ao paciente.

Esse estudo se faz relevante devido à crescente preocupação com a qualidade e segurança nos serviços de saúde, tendo em vista que a enfermagem é uma das principais profissões responsáveis por assegurar um cuidado livre de danos.

O estudo busca a compreensão e melhoria das práticas adotadas pelos enfermeiros que são essenciais para a construção de ambientes de cuidado mais seguros baseados em protocolos validados na instituição visando a educação permanente e a contribuição na redução de custos associados a tratamentos prolongados e para o aumento da satisfação dos pacientes.

Além disso, o estudo contribuirá para os graduandos em enfermagem e profissionais de saúde para a busca de conhecimento e domínio sobre o tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA SEGURANÇA DO PACIENTE

A segurança do paciente, uma preocupação tão antiga quanto a prática médica em si, ganhou um novo enfoque e vigor nas últimas décadas. Hipócrates, frequentemente citado como o "pai da medicina", já enfatizava a necessidade de "não causar dano", uma noção que permeou a área da medicina ao longo dos séculos. Entretanto apenas no final do século XX é que a segurança do paciente, esse princípio fundamental começou a ser formalizada como uma disciplina específica dentro da saúde, marcando uma evolução significativa na maneira como os cuidados são administrados (Nascimento; Draganov, 2015).

O movimento moderno pela segurança do paciente ganhou destaque com a publicação do relatório "*To Err is Human: Building a Safer Health Care System*" (Errar é humano: criando um sistema de saúde mais seguro) pelo *Institute of Medicine* dos Estados Unidos em 1999. O relatório foi um divisor de águas, pois estimou que até 98.000 pessoas morriam anualmente nos EUA devido a erros médicos evitáveis, destacando a segurança do paciente como uma questão crítica de saúde pública global. Este choque inicial ajudou a catalisar um esforço internacional para abordar as falhas nos sistemas de saúde que contribuíam para tais eventos adversos (Romero et al., 2018).

Paralelamente aos esforços globais, o Brasil também adotou iniciativa significativa para fortalecer a segurança do paciente. Um marco importante foi a criação da Rede Sentinela em 2002, que envolveu hospitais de média e alta complexidade em atividades de monitoramento e notificação de eventos adversos. A rede funcionou como um sistema de vigilância para identificar e gerir riscos, promovendo uma cultura de segurança nas instituições de saúde do país (Pereira et al., 2014).

Conforme a necessidade de ação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu a Aliança Mundial para a Segurança do Paciente em 2004. A missão dessa aliança era coordenar, disseminar e acelerar melhorias significativas na segurança do paciente em uma escala global. Os esforços incluíram o desenvolvimento de políticas, a realização de campanhas para a conscientização, e a definição de diretrizes para práticas seguras (Strefling, 2019).

6744

Os profissionais de enfermagem, que estão frequentemente na linha de frente das interações com pacientes, desempenham um papel crucial pela segurança. Eles são responsáveis pela implementação direta de muitas das estratégias de segurança recomendadas, desde a correta identificação de pacientes até a administração segura de medicamentos e a prevenção de infecções. A formação e a capacitação contínua em segurança do paciente são, portanto, componentes essenciais da educação em enfermagem, enfatizando a necessidade de uma prática atenta e baseada em evidências (Strefling, 2019).

2.3 NORMAS E REGULAMENTAÇÕES

O Brasil, no ano de 2013, estabeleceu um marco regulatório significativo para a segurança do paciente com a implementação do Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), instituído pela Portaria nº 529 do Ministério da Saúde. O programa tinha como objetivo

principal aprimorar a qualidade do cuidado em saúde em todas as instituições de saúde do país, estabelecendo diretrizes claras e obrigatórias para a segurança dos pacientes (Vantil *et al.*, 2020).

Reafirmando o compromisso pela qualidade e segurança do cuidado nas instituições de saúde, a ANVISA solidificou o compromisso com a segurança do paciente através da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 36/2013 ao exigir a formação de Núcleos de Segurança do Paciente (NSP) em todas as instituições de saúde (Brasil, 2013a). Esses núcleos de segurança são responsáveis por implementar e monitorar o Plano de Segurança do Paciente (PSP), que inclui estratégias detalhadas para cada um dos protocolos estabelecidos, desde a gestão de risco até a educação contínua dos profissionais de saúde (Cavalcante *et al.*, 2019).

Aprofundando as exigências do PNSP, o Ministério da Saúde lançou as portarias nº 1377 e nº 2095 em 2013, que definiram protocolos básicos de segurança em hospitais (Brasil, 2013b; Brasil, 2013c). Esses protocolos cobriam diversas áreas críticas, incluindo a identificação do paciente, higiene das mãos, segurança cirúrgica, uso seguro de medicamentos, prevenção de quedas e de úlceras por pressão. Estas medidas buscavam padronizar procedimentos em todas as unidades de saúde, aumentando a segurança e reduzindo a incidência de eventos adversos (Costa *et al.*, 2020).

Antes do PNSP, a RDC nº 63 de 25 de novembro de 2011 já estabelecia requisitos de Boas Práticas para o funcionamento de serviços de saúde (Brasil, 2011). Esta regulamentação visava garantir um ambiente seguro e humanizado, focando na qualidade do atendimento para os usuários e na redução de riscos ambientais. As diretrizes incluíam desde o gerenciamento de tecnologias até procedimentos de controle e prevenção de riscos em serviços de saúde (Oliveira *et al.*, 2024).

6745

A Organização Mundial de Saúde enfatiza a identificação segura do paciente como um dos seus principais objetivos para a segurança do paciente. A identificação segura envolve a adoção de protocolos e métodos que garantam que os profissionais de saúde estejam cientes de sua responsabilidade nesta etapa crítica. A eficácia deste processo é vital, especialmente em cenários de urgência, onde erros na identificação podem ter consequências fatais (Silva *et al.*, 2019).

Finalmente, práticas como o uso de pulseiras de identificação padronizadas têm sido recomendadas para fortalecer a segurança do paciente. Tais pulseiras devem incluir múltiplas formas de identificação, como nome do paciente, data de nascimento, e número do protocolo

de atendimento, para minimizar o risco de erros. A implementação destas práticas deve ser universal, abrangendo todas as instituições de saúde, desde as mais simples até alta complexidade. A capacitação contínua da equipe de enfermagem é essencial para manter a eficácia deste sistema de identificação (Trindade *et al.*, 2019).

3 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem metodológica baseada em uma revisão narrativa da literatura, visando explorar e sintetizar o conhecimento existente sobre a atuação e intervenção do enfermeiro na segurança do paciente. Esta análise buscou identificar e categorizar práticas, protocolos e estratégias eficazes na prevenção de riscos durante a assistência de enfermagem.

Inicialmente, realizou-se uma fase de definição de escopo e planejamento, com o objetivo de orientar a pesquisa dentro dos parâmetros específicos da segurança do paciente. Definiram-se os principais tópicos a serem abordados com base nos objetivos específicos do trabalho, que incluem o levantamento dos pilares de segurança do paciente, o papel do enfermeiro na identificação de incidentes e na execução de práticas de segurança.

A seleção das fontes ocorreu por meio de uma pesquisa nas bases de dados SciELO, PubMed, LILACS, BVS e Google Scholar, priorizando artigos publicados nos últimos 15 anos para garantir a relevância e atualidade do conteúdo analisado. Para refinar a busca, foram utilizados descritores específicos como “segurança do paciente”, “enfermagem hospitalar”, “protocolos de segurança”, e “prevenção de eventos adversos”. Esses termos foram combinados de forma a maximizar a recuperação de artigos pertinentes ao tema.

Os critérios de inclusão foram estabelecidos para selecionar apenas estudos que abordam o papel do enfermeiro em ambientes hospitalares, contemplando artigos em português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra e que discutissem diretamente a intervenção da enfermagem na segurança do paciente. Foram excluídos artigos que não focassem especificamente em práticas de segurança ou que tratassem de especialidades médicas fora da área de enfermagem, a fim de manter a coesão com os objetivos propostos.

Durante o processo de revisão e extração de dados, cada estudo selecionado foi lido integralmente, avaliando-se a relevância para os tópicos principais do trabalho, tais como protocolos de segurança, modelos de segurança em enfermagem e o papel do enfermeiro na prevenção de incidentes. Foram extraídas informações sobre desafios e práticas eficazes na

segurança do paciente, visando construir uma visão abrangente das intervenções aplicáveis ao contexto da enfermagem hospitalar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A SEGURANÇA DO PACIENTE APLICADOS À ENFERMAGEM

A aplicação de sistemas de qualidade como o Programa Nacional de Segurança do Paciente no Brasil incentiva o uso de modelos sistemáticos para reduzir riscos e aumentar a qualidade assistencial. Essas diretrizes foram desenhadas para apoiar as equipes de enfermagem na implementação de práticas seguras e protocolos de cuidado, impactando positivamente a redução de eventos adversos em instituições hospitalares (Caldas, 2017).

A segurança aplicada à enfermagem baseia-se em metodologias e práticas que visam garantir a segurança do paciente ao reduzir incidentes e erros no atendimento. Um dos modelos mais difundidos é o Modelo de Riscos e Barreiras, que utiliza barreiras preventivas para evitar falhas e incidentes ao longo do processo de cuidado. Essas barreiras podem ser físicas, como alarmes e sistemas de verificação, ou comportamentais, como protocolos de conduta, e são aplicadas para proteger o paciente de danos decorrentes de falhas humanas (Souza et al., 2014).

Outro enfoque adotado em modelos de segurança é o treinamento de equipes por meio de simulações, que permitem a vivência de situações de risco em um ambiente controlado. Esse modelo de treinamento tem se mostrado eficaz, pois possibilita que enfermeiros pratiquem respostas rápidas e desenvolvam habilidades críticas para a gestão de situações adversas, promovendo um aumento da confiança e da competência clínica em contextos de urgência e emergência (Silva et al., 2022).

Os modelos baseados em Indicadores de Qualidade também são amplamente utilizados na enfermagem. Esses indicadores fornecem dados quantitativos sobre a segurança e qualidade do cuidado, facilitando a identificação de áreas problemáticas e permitindo o desenvolvimento de estratégias específicas para a melhoria contínua dos serviços de saúde. A análise dos indicadores de infecção hospitalar e adesão a protocolos, por exemplo, ajuda a direcionar esforços para aumentar a segurança dos pacientes (Souza et al., 2014).

O Modelo de Cultura Justa também tem sido promovido em contextos de enfermagem, onde a cultura organizacional valoriza a comunicação aberta e a segurança do paciente. Esse modelo defende que, ao invés de punir erros individuais, é essencial compreender as causas das

falhas para fortalecer os processos internos, promovendo um ambiente onde a equipe se sinta segura para relatar problemas e propor melhorias. Esse tipo de abordagem, centrada na transparência e no suporte, tem sido especialmente eficaz em unidades hospitalares, onde a colaboração é fundamental para minimizar os erros (Lemos et al., 2018).

Esses modelos e teorias de segurança aplicados à enfermagem contribuem para a construção de uma assistência mais segura e orientada à prevenção de danos, enfatizando a importância da capacitação constante e da implementação de práticas padronizadas. Com o uso desses modelos, espera-se que as equipes de enfermagem não apenas previnam incidentes, mas também promovam uma cultura de segurança focada no bem-estar e na proteção dos pacientes.

4.2 PRÁTICAS E PROTOCOLOS DE SEGURANÇA NO ÂMBITO HOSPITALAR

No contexto hospitalar, a adoção de práticas e protocolos de segurança é essencial para minimizar riscos e garantir a integridade do paciente. Os protocolos de segurança envolvem ações voltadas à prevenção de eventos adversos, que podem ocorrer em função de falhas nos processos de cuidado. No Brasil, a Resolução 36/2013 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) normatiza práticas que asseguram a segurança do paciente, como o protocolo de identificação correta e as práticas seguras de administração de medicamentos (Marinho et al., 2018; Reis et al., 2017).

6748

A implementação de protocolos de segurança, como o de prevenção de infecções, é uma prática comum em ambientes hospitalares e visa reduzir a incidência de infecções associadas ao cuidado, especialmente em unidades críticas como a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Um exemplo é o uso de *checklists* para garantir a adesão às boas práticas de higiene e a correta manipulação de dispositivos invasivos, que são barreiras fundamentais para evitar complicações e infecções (Pinto et al., 2015; Miranda et al., 2016).

A enfermagem desempenha um papel crítico nesse cenário, com sua atuação na execução e monitoramento de protocolos que visam à segurança. Esses protocolos incluem o aprazamento de medicamentos de alto risco e a utilização de tecnologias para rastrear e prevenir erros. Estudos indicam que os profissionais de enfermagem estão diretamente envolvidos na implementação dessas práticas, assegurando a execução correta das atividades prescritas e prevenindo eventos adversos (Moraes; Aguiar, 2020; Reis et al., 2017).

Outro protocolo essencial é o de passagem de plantão, em que a comunicação efetiva entre turnos de enfermagem é fundamental para a continuidade segura do cuidado. O adequado compartilhamento de informações ajuda a evitar erros de medicação e falhas de monitoramento do estado do paciente. Essa prática é amplamente documentada como uma estratégia para aumentar a segurança e é promovida nas instituições de saúde brasileiras, com resultados que refletem em uma maior segurança no cuidado pediátrico e adulto (Silva et al., 2015; Siman; Brito, 2016).

A abordagem baseada em protocolos se estende também ao gerenciamento de risco. O gerenciamento ativo, focado na análise de incidentes, permite que as instituições identifiquem pontos críticos no processo de cuidado e implementem ações corretivas. Essa prática é parte do compromisso de enfermeiros e gestores com a qualidade e segurança hospitalar, promovendo uma cultura de aprendizado e melhoria contínua (Siqueira et al., 2015; Quadros et al., 2016).

Além disso, a educação e capacitação contínua da equipe de enfermagem é uma prática que impacta diretamente a segurança. Intervenções educativas têm demonstrado fortalecer a cultura de segurança, com destaque para a conscientização dos profissionais sobre o cumprimento dos protocolos e a importância da notificação de eventos adversos como medida preventiva (Marinho et al., 2018).

Em suma, as práticas e protocolos hospitalares de segurança são indispensáveis para a garantia de um cuidado seguro e de qualidade, especialmente com a participação ativa dos enfermeiros na aplicação dessas diretrizes. A adesão rigorosa e o monitoramento constante desses protocolos constituem um alicerce essencial para uma assistência segura e centrada no paciente.

4.3 O ENFERMEIRO NA REDUÇÃO DOS RISCO E NA GARANTIA DA SEGURANÇA DO PACIENTE

A segurança do paciente é um conceito essencial no ambiente hospitalar e envolve práticas que minimizam os riscos de eventos adversos durante o cuidado de saúde. Nesse contexto, o enfermeiro atua como uma figura central na garantia de um cuidado seguro, exercendo funções de coordenação, supervisão e educação, sendo um elo fundamental entre a equipe de saúde e o paciente (Souza et al., 2014).

Além de sua participação no planejamento e execução de protocolos de segurança, o enfermeiro também desempenha um papel crucial no incentivo à cultura de segurança entre os

demais profissionais de saúde, promovendo práticas seguras e sustentáveis na assistência (Cavalcante *et al.*, 2019).

A criação de um ambiente de segurança depende diretamente da adesão e do compromisso dos enfermeiros com a qualidade do atendimento. De acordo com Silva *et al.* (2015), os enfermeiros devem liderar e promover medidas que reduzam a incidência de erros, como falhas na administração de medicamentos e riscos de infecções associadas ao ambiente hospitalar.

A capacitação contínua da equipe e o estímulo à notificação de eventos adversos são exemplos de práticas que ajudam a melhorar a segurança e a qualidade dos serviços prestados, evidenciando a importância da intervenção do enfermeiro (Acauan; Rodrigues, 2016).

Adicionalmente, o enfermeiro é responsável por monitorar a aplicação de protocolos e diretrizes de segurança estabelecidos pela instituição, como já foi citado anteriormente. A utilização de diretrizes baseadas em evidências, como protocolos para administração segura de medicamentos e para prevenção de infecções hospitalares, tem se mostrado efetiva na minimização de eventos adversos. Dessa forma, o enfermeiro não apenas aplica tais protocolos, mas também orienta a equipe sobre a importância do cumprimento rigoroso dessas normas para a segurança dos pacientes (Pinho *et al.*, 2016).

6750

A comunicação clara e eficaz entre a equipe de saúde e os pacientes é outro aspecto importante da atuação do enfermeiro. Uma boa comunicação é essencial para a prevenção de erros, sendo que o enfermeiro frequentemente atua como mediador entre pacientes e outros profissionais de saúde. Esse papel é fundamental para garantir que o paciente compreenda os cuidados recebidos e participe ativamente no processo de segurança, o que também reforça o compromisso do enfermeiro com a segurança e o bem-estar do paciente (Dias *et al.*, 2014).

A prática de notificação e análise de eventos adversos também constitui um elemento importante na atuação do enfermeiro. Ao incentivar a equipe a registrar ocorrências, o enfermeiro contribui para a construção de um banco de dados que permite identificar e corrigir falhas no sistema de saúde. Como argumentado por Massoco e Melleiro (2015), essa prática não busca punir, mas sim aprender com os erros e aprimorar a qualidade da assistência, contribuindo para uma cultura de segurança que beneficie tanto a equipe quanto os pacientes.

Os enfermeiros ainda desempenham um papel na criação de um ambiente físico seguro, certificando-se de que os materiais e equipamentos utilizados sejam adequados e seguros para

uso. Siman e Brito (2016) destacam que, ao realizar inspeções regulares e reportar necessidades de manutenção, os enfermeiros asseguram que as condições de trabalho sejam favoráveis para o atendimento seguro, prevenindo incidentes relacionados a falhas de infraestrutura.

Por fim, a liderança do enfermeiro na formação de comitês de segurança nas instituições de saúde reforça o compromisso com a proteção do paciente. Ao integrar esses comitês, o enfermeiro não apenas contribui com sua experiência clínica, mas também ajuda a implementar práticas de segurança de forma abrangente, garantindo que todos os membros da equipe estejam alinhados e cientes das melhores práticas de segurança (Nebot-Marzal et al., 2014).

Dessa forma, o enfermeiro assume um papel decisivo na construção e manutenção de um ambiente hospitalar seguro, contribuindo para a redução dos riscos e a melhoria dos resultados no cuidado em saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou a importância da atuação do enfermeiro na segurança do paciente, destacando práticas, regulamentações e modelos de segurança que orientam e sustentam essa atuação. A segurança do paciente é um aspecto crucial no ambiente hospitalar, e o papel do enfermeiro é fundamental para a implementação de práticas que minimizem riscos e previnam eventos adversos.

6751

Ao longo do estudo, verificou-se que as normas e regulamentações vigentes no Brasil, oferecem diretrizes importante e essenciais para guiar as práticas de assistência em saúde de forma segura.

As normas, regulamentações reforçam a responsabilidade do enfermeiro, dos profissionais que está direta ou indiretamente ligados a saúde e de toda instituição para a garantia da qualidade na assistência em todo o ciclo de atendimento. Não somente em aplicação de protocolos, mas também na educação contínua da equipe e dos pacientes, garantindo que o cuidado seja realizado de maneira eficaz e segura com objetivo de minimizar os incidentes relacionados a assistência.

Os modelos de segurança, proporcionam uma estrutura teórica importante para o entendimento das falhas e a implementação de estratégias de prevenção de riscos. Através da aplicação de tais modelos e da adoção de práticas específicas, o enfermeiro desempenha um papel central na identificação precoce de possíveis riscos e na execução de intervenções que assegurem a integridade do paciente.

Este trabalho reafirma que o enfermeiro, ao atuar na linha de frente da assistência e da comunicação com o paciente e a equipe, é uma figura essencial para o sucesso das práticas de segurança no ambiente hospitalar. Além disso, evidenciou-se que as práticas seguras não apenas melhoram a qualidade do cuidado, mas também fortalecem a confiança do paciente no serviço de saúde e sua satisfação com o cuidado dispensado.

Conclui-se, portanto, que a atuação do enfermeiro na segurança do paciente é indispensável para a promoção de um cuidado de qualidade. Este estudo contribui para a ampliação do entendimento sobre a importância do enfermeiro nesse contexto, servindo como referência para futuras pesquisas e práticas voltadas à segurança e qualidade na assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

ACAUAN, L. V.; RODRIGUES, M. C. S. Critérios de segurança na administração de contraste na angiotomografia cardíaca: percepção da enfermagem. **Rev RENE**, v. 16, n. 4, p. 504-513, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução nº 36, de 25 de julho de 2013**. Institui ações para a segurança do paciente em serviços de saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jul. 2013a. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdco036_25_07_2013.html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC n. 63, de 25 de novembro de 2011**. Dispõe sobre os requisitos de boas práticas de funcionamento para os serviços de saúde. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 nov. 2011. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2011/rdco063_25_11_2011.html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria n. 1.377, de 9 de julho de 2013**. Institui diretrizes para a organização do cuidado a pessoa com Doença de Alzheimer e outras demências no Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jul. 2013b. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1377_09_07_2013.html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.095, de 24 de setembro de 2013. Institui a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 set. 2013c. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2095_24_09_2013.html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CALDAS, B.N. **Implementação do Programa Nacional de Segurança do Paciente em hospitais públicos: uma avaliação qualitativa**. 240 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública e Meio

Ambiente) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

CAVALCANTE, E.F.D.O., PEREIRA, I.R.B.D.O., LEITE, M.J.V.D.F., SANTOS, A.M.D. CAVALCANTE, C.A.A. Implementação dos núcleos de segurança do paciente e as infecções relacionadas à assistência à saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 40(spe), p.e20180306. 2019.

DIAS, J. D.; MEKARO, K. S.; TIBES, C. M. S.; ZEM-MASCARENHAS, S. H. Compreensão de enfermeiros sobre segurança do paciente e erros de medicação. **REME Rev Min Enferm**, v. 18, n. 4, p. 866-873, 2014.

LEMOS, G.C, AZEVEDO, C., BERNARDES, M.F.V.G., RIBEIRO, H.C.T.C., MENEZES, A.C. MATA, L.R.F. A cultura de segurança do paciente no âmbito da enfermagem: reflexão teórica. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**. 2018.

MARINHO, M. M.; RADÜNZ, V.; MARTINS DA ROSA, L.; TOURINHO, F. S. V.; ILHA, P.; MISIAK, M. Intervenções educativas com profissionais de enfermagem e sua relação com a cultura de segurança. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, 2018.

MASSOCO, E. C. P.; MELLEIRO, M. M. Comunicação e segurança do paciente: percepção dos profissionais de enfermagem. **REME Rev Min Enferm**, v. 19, n. 2, p. 187-191, 2015.

MIRANDA, A. L.; LYRIO DE OLIVEIRA, A. L.; NACER, D. T.; AGUIAR, C. A. M. Resultados da implementação de um protocolo sobre a incidência de infecção do trato urinário em unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, 2016.

MORAES, C. C. M. S.; AGUIAR, R. S. A notificação de eventos adversos e suas lacunas no processo de segurança do paciente. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 271, p. 5025-5040, 2020.

NASCIMENTO, João Costa; DRAGANOV, Patrícia Bover. História da qualidade em segurança do paciente. História da Enfermagem. **Revista Eletrônica**, v. 6, n. 2, p. 299-309, 2015.

NEBOT-MARZAL, C. M.; MIRA-SOLVES, J. J.; GUILABERT-MORA, M. et al. Conjunto de indicadores de calidad y seguridad para hospitales. **Rev Calid Asist**, v. 29, n. 1, p. 29-35, 2014.

OLIVEIRA, A.S., SILVA, M.D., GARCIA, J.E., DIAS, M.A.F., SALES, C.L.B., FIGUEIREDO, P.C.P., E SOUZA MURANAKA, L.S., MEDEIROS, V., JUNIOR, C.R.C., VIDAL, M.D.C.F. SANTOS FILHO, N. Dispositivos legais da scih, uti e a regulação da ceciss/fvs-am como fator de redução dos valores de indicadores de infecção hospitalar. **Revista Contemporânea**, 4(11), pp.e6412-e6412. 2024.

PEREIRA, M.D, SOUZA, D.F. FERRAZ, F. Segurança do paciente nas ações de enfermagem hospitalar: uma revisão integrativa de literatura. **Inova Saúde**, 3(2), pp.55-87. 2014.

PINHO, F. M.; AMANTE, L. N.; SALUM, N. C.; SILVA, R.; MARTINS, T. Guideline das ações no cuidado de enfermagem ao paciente adulto queimado. **Rev Bras Queimaduras**, v. 15, n. 1, p. 13-23, 2016.

PINTO, D. M.; SANTOS SCHONS, E.; BUSANELLO, J.; ZAVARESE DA COSTA, V. Segurança do paciente e a prevenção de lesões cutâneo-mucosas associadas aos dispositivos invasivos nas vias aéreas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 5, p. 775-782, 2015.

QUADROS, D. V.; MAGALHÃES, A. M. M.; MONTOVANI, V. M.; SALAZAR DA ROSA, D.; ECHER, I. C. Análise de indicadores gerenciais e assistenciais após adequação de pessoal de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 4, p. 684-690, 2016.

REIS, G. A. X.; HAYAKAWA, L. Y.; MURASSAKI, A. C. Y.; MATSUDA, L. M.; GABRIEL, C. S.; FÉLIX DE OLIVEIRA, M. L. Implantação das estratégias de segurança do paciente: percepções de enfermeiros gestores. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 2, 2017.

ROMERO, M. P. et al. A segurança do paciente, qualidade do atendimento e ética dos sistemas de saúde. **Revista Bioética**, v. 26, n. 3, p. 333-342, out. 2018.

SANTOS, Doralice Ramalho; ARAÚJO, Paloma Evelin; SILVA, Waldynélia dos Santos. **Segurança do paciente: uma abordagem acerca da atenção da equipe de enfermagem na unidade hospitalar**. Temas em Saúde, João Pessoa, v. 17, n. 2, 2017.

SILVA, A.D., CHAVAGLIA, S.R.R., PIRES, F.C., PEREIRA, C.B.D.M., SOUZA, I.F.D., BARICHELLO, E. OHL, R.I.B. Simulação no ensino de urgência e emergência para enfermagem. **Enferm Foco**. 2022.

SILVA, E.T., MATSUDA, L.M., PAULINO, G.M.E., CAMILLO, N.R.S., SIMÕES, A.C. FERREIRA, A.M.D. Fatores que influenciam a segurança do paciente em serviços de urgência e emergência: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**. 2019.

6754

SILVA, M. F.; ANDERS, J. C.; ROCHA, P. K.; SOUZA, A. I. J.; BURCIAGA, V. B. Comunicação na passagem de plantão de enfermagem: segurança do paciente pediátrico. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 25, n. 3, 2016.

SIMAN, A. G.; BRITO, M. J. M. Mudanças na prática de enfermagem para melhorar a segurança do paciente. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, p. 1-9, 2016.

SIQUEIRA, C. L.; SILVA, C. C.; TELES, J. K. N.; FELDMAN, L. B. Gerenciamento de risco: percepção de enfermeiros em dois hospitais do sul de Minas Gerais. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 4, n. 19, p. 919-926, 2015.

SOUZA, F.T.D., GARCIA, M.C., RANGEL, P.P.D.S. ROCHA, P.K. Percepção da enfermagem sobre os fatores de risco que envolvem a segurança do paciente pediátrico. **Rev. enferm. UFSM**, pp.152-162. 2014.

STREFLING, I.D.S.S. **Cultura de segurança do paciente na unidade materno-infantil: perspectiva dos gestores e profissionais de enfermagem**. 2019.

TRINDADE, T.V.C, PICANÇO, C.M., VIEIRA, S.L. BATALHA, E.M.S.S., 2019. Segurança do paciente em unidade de terapia intensiva: uso de pulseiras de identificação. **Enfermagem Brasil**. 2019.